

**VI Semana Internacional
de Pedagogia**

**“Pedagogia em MovimentUS:
Aproximações entre
Universidade e Sociedade”**



**II Encontro Estadual de
Educação em Prisões de Alagoas
I Seminário de Educação em
Prisões de Alagoas**

**“Educação de pessoas em privação de liberdade:
Embates, Políticas Públicas e Práticas
Educativas”**

De 10 a 14 de Dezembro de 2018 - Campus A. C. Simões/UFAL - Maceió/AL - Brasil

ISSN: 1981 - 3031

**A EDUCAÇÃO INFANTIL EM ARTHUR RAMOS: ANÁLISE DO LIVRO SAÚDE
DO ESPÍRITO (1958)**

Fernanda Lays da Silva Santos
nandalays.sjc@gmail.com
Roseane Maria de Amorim
roseanemamorim@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo trazer a discussão sobre a educação infantil e higienismo através da análise de uma das obras do intelectual alagoano Arthur Ramos, intitulada “Saúde do Espírito”, de 1939, reeditado em 1958, fruto de sua atuação no Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental (1934 a 1939), e assim associá-lo ao movimento higienista no início do século XX. Neste trabalho utilizamos como metodologia a análise documental e estudos bibliográficos. O livro analisado traz em suas páginas princípios de uma época em que higienizar a população foi necessário dentro do contexto histórico da busca incessante de civilizar o Brasil. A ordem, o progresso, a racionalidade científica e a industrialização fermentaram os pensamentos dos intelectuais que viam a educação como uma arma poderosa para o constructo de uma sociedade moderna.

PALAVRAS-CHAVE: Arthur Ramos. Higienismo. Educação.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo traçar uma análise sob uma das obras do intelectual alagoano Arthur Ramos, intitulada “Saúde do Espírito: Higiene Mental (1958)”. O objetivo é identificar o pensamento do médico acerca da Higiene Mental e sua proposta pedagógica, e desta forma associar as ações do movimento higienista à educação no início do século XX. O livro analisado se encontrava na sétima edição quando fora publicado em 1958 pelo Serviço Nacional de Educação Sanitária do

Ministério de Saúde. Ao que podemos deduzir que este circulou por todo o país por ser de iniciativa de um órgão público federal como uma cartilha de guia para higiene mental da população.

O movimento higienista tem suas primeiras vistas ainda no século XIX, seu adeptos seguiam o que se tinha de mais inovação na área das ciências no período. Entre algumas teorias consideradas científica podemos destacar as variações do evolucionismo de Charles Darwin (1809-1882) que fundamentou as teorias raciais, entre elas a Eugenia de Francis Galton (1822-1911) e o darwinismo social de Herbert Spencer (1820-1903). O grupo de higienistas que nos interessa é o dos médicos, pois este trabalho será desenvolvido sob a ótica do intelectual e psiquiatra Arthur Ramos. Desse modo, o escolhemos por dois motivos: o primeiro está associado à importância dos estudos históricos que resgatam a memória local por meio do levantamento dos intelectuais alagoanos com a intenção de contribuir para formação identitária dos alagoanos; e segundo porque as pesquisas e trabalhos deste médico na área da higiene mental e na antropologia foram numerosas e valorosas para o Brasil, sendo considerado por muitos historiadores biográficos, como um homem além do seu tempo, vejamos!

Arthur Ramos (1903 a 1949), médico psiquiátrico, se destacou desde à infância por sua notória dedicação aos estudos e atuação na cidade de Pilar como escritor do jornal local, orador, dentre outros. Arthur Ramos em 1926 ingressou na faculdade de medicina na Bahia o qual desenvolveu várias pesquisas relacionadas à medicina legal, psiquiatria, educação, antropologia, sociologia, etnografia, cerca de 458 estudos. Ramos destacou-se com seus estudos sobre psicanálise, trocando correspondências com o próprio fundador da Psicanálise, Sigmund Freud, sendo reconhecido por este. Após publicar várias pesquisas sobre educação e psicanálise e de ser adepto ao movimento higienista, que veio a se propagar no Brasil no início do século XX. Ramos foi convidado por Anísio Teixeira para chefiar o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, no Distrito Federal, que atuou no período de 1934 a 1939, resultando nas obras a *Criança Problema* (1939) e *Saúde do Espírito* (1958).

O objeto de análise deste artigo tem como fonte o livro *Saúde de Espírito* e para tanto, com base em Bloch (2001), buscamos entender que a vida humana é

rica em múltiplos aspectos e as fontes históricas por si só não falam, são as perguntas elaboradas pelos pesquisadores/as que dão vida aos documentos sejam orais ou escritos. Corroborando com essa mesma ideia, Farge (2009) afirma que os documentos impressionam pela posição ambígua em que se apresentam; é preciso desvendar dramas cujos homens e mulheres não estão pintados por inteiro, são breves vestígios de fragmentos que contam partes do que aconteceu. Por isso escolhemos como estratégia de pesquisa a análise documental e bibliográfica que teve como parâmetro dos estudos de Veiga (2007), Gondra (2005), Vidal (2008), entre outros.

Essa metodologia busca responder as seguintes problemáticas: o que diz no livro *Saúde do Espírito* (1958)? A quem se destinava a proposta higiênica de Arthur Ramos? Tendo como concepção que o homem está imerso em seu tempo, qual a finalidade da proposta pedagógica do psiquiatra alagoano para a formação do indivíduo e da sociedade? Há relações de poder presente na proposta higienista apresentada na obra? Além disso, como se destaca as limitações e contribuições do pensamento do intelectual para a educação na referida obra? Como estão presentes as propostas de Ramos na atualidade?

Desse modo, temos como intuito analisar o pensamento do alagoano Arthur Ramos; identificar as limitações e contribuições da proposta do intelectual para a educação; problematizar o tratamento dado à infância e suas implicações para a formação humana e da sociedade.

Para tal propósito, o nosso trabalho apresenta ao leitor quem foi Arthur Ramos, a princípio, que em linhas gerais, foi um médico alagoano, de notável atuação no campo da medicina, antropologia, educação, dentre outros, desse modo, indo além de seu campo de atuação, intervindo no meio social, buscando se legitimar socialmente através do saber médico. Cabe uma questão: por que o saber médico se mostra como um saber privilegiado, intervindo na educação?

Veremos a seguir, com mais detalhes, o quanto esse saber esteve imerso em um projeto de sociedade moderna. Ao fim desta discussão primeira, iremos nos deter a análise da obra *Saúde do Espírito* (1958) que foi fruto da atuação de Arthur Ramos no Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental (1934 a 1939) o qual analisou o

comportamento de mais de 2000 crianças de escolas públicas do Rio de Janeiro, na gestão educacional do escolanovista Anísio Teixeira. Contudo, o intelectual em foco, em resposta a análise das crianças problemas, ou seja, Ramos estudava o comportamento tido como anormal de crianças com comportamentos “desajustados”, foi lançado em 1939, reeditado em 1959, o manual destinado à população e professores a lidar com estes, de forma eficaz, mostrando-se como a salvação para os problemas que impediam a ordem e o progresso da sociedade moderna.

Parte inicial do artigo, onde devem constar a delimitação do assunto tratado, os objetivos da pesquisa e outros elementos necessários para situar o tema do artigo.

2 SAÚDE DE ESPÍRITO (1958): Higiene Mental e educação

O saber médico veio a ocupar um saber privilegiado no contexto social no início do século XX, no Brasil, perpassando de seu campo de atuação, intervindo no campo educacional e social. Nesse sentido, os médicos ao justificar que as alterações no comportamento foram originadas no cérebro, isto é, questão orgânica, objeto de estudo da medicina, assim, ficou delegada à psiquiatria intervir no tecido social, nos problemas sociais, conforme Caponi (2012). Mas o que o livro “Saúde do Espírito” vem a nos dizer sobre a intervenção médica no campo pedagógico? A que ponto o pensamento do psiquiatra Arthur Ramos se aproxima e se separa das propostas higienistas e eugênicas? Quais as limitações e contribuições do intelectual para entender a educação no campo da história da educação e para problemáticas atuais?

Arthur Ramos, médico alagoano, chefiou o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental (1934 a 1939), a convite de Anísio Teixeira. Este último buscava uma reforma educacional, e buscou colaboradores para auxiliá-lo a alcançar seus objetivos, entre eles o intelectual Arthur Ramos. O psiquiatra alagoano propôs aplicar a psicanálise à escola, conhecer o inconsciente e evitar projeções do professor nos alunos, além de conhecer os círculos sociais da criança, em um caráter científico, isso pareceu a salvação da nação para a classe dirigente, pois acreditava-se que a higiene mental

colocaria fim na desordem social e contribuiria para a construção e progresso de uma sociedade moderna.

Após a investigação do comportamento tido como desajustado de mais de 2000 crianças, de escolas públicas do Rio de Janeiro, resultou na publicação do livro “Saúde do Espírito” em 1939, reeditado em 1958, nele há a defesa do estudo das causas do comportamento, o qual ele vai além da genética considerando o meio social como fator preponderante para o comportamento humano, isso fica claro nas primeiras páginas da obra supracitada. Desse modo, o pensamento do intelectual se afasta da concepção do puramente genético, no entanto, é influenciado pelo higienismo, não mais de cor, mas de cultura, embora que a população negra fazia parte dessa cultura da classe popular a ser, logo, higienizada. O autor veio a investigar crianças rotuladas como “anormais” trazendo contribuições para investigar as causas do comportamento, contribuindo para se pensar na não medicalização do comportamento, questão essa muito atual.

A época que a obra foi elaborada e publicada estava permeada por transformações sociais importadas da Europa com conceitos sobre infância, pedagogia nova, economia capitalista, além de todo o contexto da herança escravocrata. Anseios da elite por tempos modernos, melhor dizendo, modernidade europeia, sendo necessário um novo projeto de nação, pois com a abolição da escravatura (1888) e o número grande da classe popular surgiu a necessidade de um novo mecanismo de controle para evitar a desordem, rebeliões e prejuízos ao Estado. Educação e Medicina como instrumentos de poder para a formação da nação moderna, ocupando um dos lugares centrais nas políticas educacionais e de governo.

Com isso, para garantir o controle da massa popular que representava uma ameaça à elite econômica, surge uma nova forma de dominação, a ciência, esta iria justificar a “inferioridade” reportando-se ao evolucionismo, darwinismo social como havendo a evolução das raças, sendo a branca a “perfeição”, e a miscigenação a “degradação”, sendo um tipo de retrocesso, e logo, inferior, trazendo argumentos biológicos e científicos para justificar o preconceito por meio dessa ideologia. Ramos vai além dos argumentos biológicos, mas a ciência é argumento principal de sua

proposta de formação de hábitos. Hábitos estes, de conduta, de pensar, de ser, de agir. Havia relações de poder?

[...] Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas -todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação de --novas forças que se anunciam. São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares [...] (DELEUZE, 1992, p. 220).

Observa se que podem ser mudados os mecanismos de dominação e controle, mas que sempre há relações de poder, “liberdades e sujeições” nas relações sociais e no regime em vigor. No entanto, não podemos cair na armadilha do determinismo, pois com a revelação das ideologias e o protagonismo dos atores sociais, pode haver sim uma mudança social e efetivação de direitos, pois todos são detentores de poder no lugar em que se encontram (CORAZZA, 2001).

Mesmo trazendo contribuições, sendo contrário ao ensino tradicional, ou seja, castigos físicos causadores de traumas e neuroses, Ramos (1939) a favor do ideário escolanovista, busca a formação de hábitos, tendo em vista determinada cultura, saber e poder. Nesse sentido, o intelectual está engajado em um regime social e político que não é o de transformação social. Se não fosse assim, por que seria necessária a formação de hábitos para a população? Hábitos para quê?

Nesse momento havia um crescente movimento fascista e nazista no mundo, que pretendia aplicar o conceito de raça pura (ariana) a políticas de governo, pois haviam partidos nazistas criados no Sul do Brasil com o advento da imigração. A higienização da mente tem haver com medicalização, branqueamento, ou seja, a Eugenia¹. Sendo esta destacada por Gondra (2005) como a vontade de intelectuais da época, a exemplo, Afrânio Peixoto, de produzir um homem novo, assim formando “um tipo humano mais perfeito que o existente”.

Desse modo, o higienismo de Arthur Ramos se adequava a esse pensamento científico, que foi um desdobramento do eugenismo, buscava legitimar através de uma ideologia um determinado grupo social como ideal, buscando ajustar

¹Francis Galton cientista evolucionista britânico e primo de Charles Darwin, criou o termo Eugenia derivada da junção de dois vocábulos gregos: eu (bem)+ genos (raça, linhagem, espécie), que significa então bem nascido ou boa espécie.

outros através de hábitos saudáveis relacionados a questão moral, social e comportamental, com isso apresentando um caráter fascista, um tipo de racismo, não mais de cor, mas cultural ampliado a todos da camada popular. Assim, destaca Domingues (1994): “o aumento do número dos tipos normais e a diminuição e o desaparecimento final dos subnormais [...]”. (p.43). Sendo, a eugenia um desdobramento do projeto de higienização. De algum modo Arthur Ramos colaborou para esses processos profundamente racistas, mas que eram entendidos como necessário para tornar a sociedade brasileira civilizada, semelhante ao europeu. Assim vários cientistas estavam engajados nesta luta, desde o médico, o psiquiatra, o psicólogo, o pedagogo e o antropólogo. De algum modo o intelectual alagoano era uma síntese desse propósito. Nesse momento, as propostas higienistas e eugênicas ganham maior espaço, no cenário brasileiro, com o intuito de prevenir o comportamento indesejável tendo como foco de atuação a família dos ditos anormais.

Retomando o livro Saúde do Espírito que foi fruto da atuação do psiquiatra alagoano durante cinco anos no Serviço de Otrofenia Higiene Mental, na gestão educacional de Anísio Teixeira, como já mencionado, Arthur Ramos aborda sobre seu trabalho em escolas experimentais analisando mais de 2000 crianças ao todo, desse modo, buscava identificar às possíveis causas psicossociais de comportamentos “desajustados” de escolares com problemas. Arthur Ramos tinha o intuito de investigar os círculos de vida da criança através de métodos científicos, a fim de constatar as origens do comportamento de crianças “indisciplinadas” e com dificuldades de aprendizagem, indo além de testes simplistas e rotuladores como ele destaca. O propósito era conhecer as raízes dos comportamentos tidos como indesejáveis para formar uma sociedade ideal, buscando o ajustamento aos novos padrões conduzidos pelo liberalismo burguês, a indústria e a Ciência. Assim nos afirma que:

Foi organizada a Ficha do Serviço, onde se colhem os dados da família (pais, irmãos, outros parentes...), ambiente familiar (condições materiais e psicológicas da habitação...), história obstétrica materna, desenvolvimento e -formação de hábitos (crescimento, saúde geral, alimentação, marcha e linguagem, ritmos fisiológicos, disciplina e vida na escola), fachada temperamental e caracterológica, funções psicológicas, súmula do exame

psicométrico e antropométrico, fornecidos pelos Serviços correspondentes, exame médico, diagnóstico da personalidade [...] (RAMOS, 1939, p. 28).

O intelectual em questão via nos princípios da Psicanálise a oportunidade de introduzir a higiene mental na escola como intuito de através dela prevenir e/ou corrigir a conduta humana rumo à formação de indivíduos considerados sadios. Observa-se que o saber médico seria um instrumento de regulação social, pois o castigo físico seria substituído por um controle internalizado pelo próprio indivíduo através dos hábitos, sendo mais eficaz, conforme Vidal (2008), pois estaria naturalizado. Assim, conforme Ramos (1939) seria interessante para evitar que: “[...] Muitas vezes, os conflitos calados da infância vão explodir mais tarde, na vida adulta, ao mais pequenino pretexto” (p.54). Logo, haveria o controle social, evitando a desordem e rebeliões. É interessante destacar que os psiquiatras higienistas e eugenistas da época tinham a visão de prevenir, e não de curar, por isso a idade de “ouro” para atuação da higiene mental seria desde a mais tenra idade, ou seja, o foco maior seria a criança.

3 HIGIENE MENTAL EM SAÚDE DO ESPÍRITO (1958): EDUCAÇÃO INFANTIL, CIVILIZAÇÃO E RELAÇÕES DE PODER

A higiene mental é centro da discussão da obra *Saúde do Espírito* onde Arthur Ramos apresenta regras dirigidas a pais e educadores de como conduzir a criança. Assim: “Procura dar regras práticas e gerais para a correção dos desajustamentos e conflitos psíquicos, que geram a angústia, a incapacidade e a dor” (p.7), e para evitar esses desajustamentos psicossociais, o psiquiatra defende a importância de aplicar as ideias da higiene mental na infância através da educação, a fim de evitar o “adoecimento” dos adultos.

O livro em questão se apresenta como uma receita pronta e acabada, um manual, de linguagem simples, com orientações direcionadas à família, educadores e população, o qual não considera variáveis que possam influenciar no comportamento e formação humana. A obra *Saúde do Espírito* (1958) tornou-se um instrumento para divulgar as constatações e descobertas de Ramos em sua atuação no SOHM, que por sua vez, envolve uma intencionalidade, para a população de um

modo geral. A enunciada é dividida em dez capítulos em que são retratados sobre a história da psiquiatria (brevemente), herança e meio, infância, sexualidade, família, professor e escola. Um ponto que destaca a finalidade da obra:

[...] **adaptar o indivíduo ao seu meio**, tornando-se um auxiliar precioso da administração pública, formando seres harmônicos, sem conflitos de adaptação, ajudando a comunidade, em vez de perturbar o ritmo coletivo e pesar nos orçamentos públicos. Cuidando da infância, a higiene mental quer pôr um termo na onda do crime, da neurose, da loucura, dos conflitos de ajustamento de toda natureza, ou dos inúteis e desocupados que atravancam as avenidas das grandes cidades [Grifo nosso] (RAMOS, 1958, p.22).

Quem seria o “desajustado ou anormal” para Ramos? Quem perturbaria o ritmo coletivo e poderia gerar conflitos? Nesse sentido, podemos observar o que Foucault (1999) menciona a “medicina do não patológico” que envolve uma estratégia biopolítica, assim envolve o poder dos médicos sobre o não patológico. Podemos observar também na citação acima um forte interesse e empenho em formar indivíduos produtivos, enquadrando-se na lógica mercantilista do liberalismo. Mesmo envolvendo, um discurso “bonito” em “prol da comunidade”, em Ramos (1939), a intenção, do higienismo, conforme Caponi (2012) era:

[...] controlar a hereditariedade da grande família dos degenerados e, ao mesmo tempo, controlar as populações e as raças consideradas perigosas: as estratégias higiênicas e eugênicas dos séculos XIX e XX. O alvo prioritário dessas estratégias era o controle das famílias dos anormais. (p.27).

Indo por essa lógica, o desajustado e quem perturbaria o ritmo da sociedade seria o que estivesse desviado da norma, assim: “[...] é preciso definir e redefinir o normal em relação àquilo que lhe é oposto, a figura dos ‘anormais’ [...] A exceção tem uma função estratégica, que é a de auxiliar na conformação da identidade de um grupo [...]”. (CAPONI, 2012, p.24). Assim, a cultura diferente, dos grupos que representassem ameaças aos interesses da elite deveria ser alvo do campo do higienismo, como já mencionado, a obra foi destinada ao povo. Desse modo, é imprescindível formar, principalmente, os pais e professores para evitar ou corrigir comportamentos considerados inadequados, que por sua vez, podem trazer prejuízos para a sociedade e Estado, conforme aborda Arthur Ramos, assim família e professores são vistos como despreparados, bem como é fortalecida a legitimação da intervenção médica no campo social.

Nesse sentido, educar e civilizar são representados em Ramos como atos “solidários”, mas com o mesmo fim de eliminar aspectos adversos e produzir um futuro novo, sem vícios, sem delinquência, sem ociosidade para a sociedade e Estado, garantindo o progresso da nação, conforme Gondra (2005). Observa-se também nessa obra que ela ultrapassa o discurso meramente teórico, pois é o resultado da experiência do alagoano Arthur Ramos, isto significa que foram constatações de sua atuação no Serviço de Higiene Mental, ou seja, este artigo envolve a análise de uma teoria e de uma prática ocorrida no início do século XX.

A proposta de educação higienista proposta por Ramos está baseada no tenocratismo² sendo esta uma ideológica baseada exclusivamente na ciência para explicar os fenômenos, o qual se afasta da gênese social.

O trabalho nas clínicas seria interdisciplinar: trabalhariam lado a lado o professor, o médico-clínico, o psicopedagogo, o psiquiatra. Como as crianças bem formadas, o trabalho seria ‘manter normal a criança normal’; se surgissem casos-problemas, então a higiene mental deveria intervir procurando resolver e ajustar as dificuldades. Os métodos seriam combinados ou especiais, conforme o caso: observação incidental, fragmentos biográficos, observação sistemática, questionário, história de casos, testes e medidas, experimentação etc. ‘É porém, o **método do clínico**, que reúne a maior soma de processos de investigação da personalidade, o mais comumente empregado por nós [...]. [Grifo nosso] (RAMOS, 1958, p. 336).

Podemos observar que o pensamento de Arthur Ramos não saía dessa leitura médico-psiquiátrica, pois a dimensão sociológica era subordinada a psicologia ou ao comportamento humano. Portanto uma de suas limitações seria não ver o humano do ponto de vista filosófico, sociológico e histórico – as condições- reais de vida.

Mesmo com a infância tratada de outra maneira, que por sua vez, havia um investimento no potencial da criança, considerando suas necessidades e interesses, no entanto, a ideia que se tinha da criança era: [...] a família e a ciência classificam de ‘sem razão’. Os ‘despossuídos de juízo’ [...]. (VIDAL, 2008, p.9). Assim, fazia-se necessário conduzir a criança.

Assim, podemos observar uma visão negativa da infância, como o próprio termo derivado do latim *infantia* que significa sem fala, sem voz, sem pensamento,

²Tenocratismo⁵ é a ideologia que representa o conhecimento científico como a única forma de conhecimento verdadeiro, universal, objetivo, e neutro, apto a reger a existência social dos homens, assegurando sua felicidade através dos instrumentos técnico-científicos que legitima, conforme aponta Severino (1986).

como diz Arroyo (2011) um criança que é vista com uma carga de preconceito sob o olhar do adulto, desvalorizando esse tempo humano, seus saberes, sua identidade. Desse modo, nos contrapomos ao trabalho de Menezes (2002) intitulado *A Psicanálise na Bahia (1926-1937): os estudos de Arthur Ramos sobre a loucura, educação infantil e cultura*, o qual a autora destaca:

[...] que o ponto comum entre as correntes da pedagogia, a escola nova, e a -psicanálise era **o respeito à personalidade da criança**. A noção fundamental da nova pedagogia, que a atividade lógica que lhe é própria, é --colocada também pela psicanálise. A pedagogia moderna descobriu a criança. [Grifo nosso] (MENEZES, 2002, p.82).

Mas como haveria respeito à personalidade da criança, se ela precisaria ser conduzida? Deste modo: “[...] estava na infância o principal campo de ação da higiene mental [...]”. (RAMOS, 1958, p.22). Se houvesse respeito a essa personalidade e a cultura da criança, seria necessário um manual para formar hábitos? Esses hábitos seriam baseados em que comportamentos, cultura, valores, e de qual classe? Por isso, fica difícil pensar em respeito às culturas e as personalidades na perspectiva apontada por Arthur Ramos em sua proposta de educação higienista. Assim, a criança de Ramos seria produto de seu meio social e cultural:

O comportamento e o próprio pensamento humano variam no tempo e no espaço. Não há, nunca houve uma maneira rígida e imutável de pensar e julgar. A lógica humana varia nas idades e na geografia, como é relativa a várias condições de ‘normalidade’ ou ‘anormalidade’, neurose, psicose, sonho, distração, emoções [...] **O homem é produto de sua sociedade e da sua cultura**, nesse sentido que estas são responsáveis pelas suas ações [...]. [Grifo nosso] (RAMOS, 1958, p. 32-33).

Nessa perspectiva, se a criança é produto de sua sociedade e cultura, ela estaria “condenada”, nessa perspectiva da obra *Saúde do Espírito* (1958) à passividade, à reprodução, desse modo, apenas a absorver a formação que seria dada pela sua sociedade, que no caso, seria a sociedade capitalista, mas não de transformá-la, pois não era vista como um ser ativo, que poderia ser diferente do que é transmitido por sua sociedade e cultura, e sim passivo. Ou dito de outra forma, deveria ser, nessa perspectiva liberalista, ativo para o trabalho, para produzir, mas não para transformar a realidade injusta da classe popular, ou melhor dizendo, nem poderiam ter acesso ao estar ciente de tal realidade.

Na visão do psiquiatra alagoano, podemos observar que a criança é entendida como um ser sem autonomia de pensar e agir, que por sua vez, necessita de uma condução do adulto para a formação de sua personalidade, isto é, ser modelada desde a infância para se ajustar à sociedade. Assim, são inculcadas ideias em longo prazo por meio da educação em que os pequenos são passivos, e não ativos. Nesse sentido, se para Arthur Ramos “o homem é produto de sua sociedade e da sua cultura”, e estas são responsáveis pelas suas atitudes, à criança não seria um ser livre nem estimulado a desenvolver sua capacidade de pensamento. Assim, nos contrapomos ao trabalho de Garcia (2010):

Longe da visão da criança como ser pacífico e domesticado que deveria receber doses regulares de conhecimentos e reproduzi-los fielmente por meio de memorizações, agora os pequenos eram apresentados como seres em intensa atividade cognitiva que deveriam ser estimulados a se desenvolverem sem os excessos dos cuidados adultos que acabavam sufocando a espontaneidade infantil [...] a defesa da ideia de um novo modelo de educação que levasse a criança a pensar, a desenvolver livremente sua capacidade e criatividade [...].(GARCIA, 2010, p. 124-125).

Ao contrário, a referida seria modelada pelo adulto, sobretudo, o educador ilustrado e civilizado, a seu modo e de acordo com seus propósitos. Desse modo, entendemos que a criança necessita de mediações, mas que deve ser proporcionadas experiências que estimulem sua capacidade, expressão de sua cultura, identidades, saberes, realidade, e de um fazer político. Desse modo, convém concordar com Gallo (2013):

A criança, *infans*, sem palavra, é introduzida no universo da linguagem. Mas não para experimentar sua própria voz, mas para ser enquadrada num sistema semiótico já definido, no qual ela dirá aquilo que se espera que seja dito. Eis o que é aprendido na escola (GALLO, 2003, p.116).

Além do mais, podemos conjecturar que a criança de Ramos (1958) não é um ser isolado, e, portanto, não deve ser culpabilizado de fracassos escolares ou indisciplina, sem estudar a origem desses problemas, sendo uma contribuição do intelectual para a educação. Assim, buscando através disso dar orientação à família e professores, sendo estes vistos como despreparados, e principais responsáveis pelo comportamento ajustado ou não das crianças e possíveis adultos. Então, aconselha:

Examina a criança em todas as discórdias domésticas, o problema da incompatibilidade matrimonial. Entra no estudo do trabalho humano, dando normas para a orientação vocacional, para a adaptação do homem à sua profissão. Resolve os problemas do sexo. Funda clínicas de hábito e direção da infância e centros de conselhos aos pais. Penetra em todas as atividades -humanas da comunidade, prevenindo e resolvendo conflitos, zelando pela -saúde psíquica da personalidade humana (RAMOS, 1958, p.20).

Em linhas gerais, traz a concepção de infância baseada na condução da criança, no entanto, considerando seu desenvolvimento físico baseando em estudos biológicos e psicológicos através de novas teorias sobre o educar e lidar com o aluno, sendo difundida na educação brasileira, não apenas por educadores, mas também por médicos, e neste caso, Arthur Ramos. Vale mencionar que a visão de infância que estava sendo apregoada era: “[...] como um estado positivo e não mais como uma fase transitória e inferior” (MENEZES, 2002, p.77).

Contudo, o estado positivo elencado em *Saúde do Espírito (1958)*, estava embasado no liberalismo representados nos moldes do positivismo, em busca da formação do futuro trabalhador, e não mais inferior, pois a infância tornou-se o elemento central da higiene mental, pois conforme Ramos para a criança tudo é novo, tendo mais facilidade para “aceitar”, internalizar e aprender, sendo a “idade de ouro” para aplicar os preceitos da higiene mental, até por que a psicanálise aplicada à escola e à família seria uma forma de investigar os processos do inconsciente que poderiam interferir na formação da criança, e assim torná-la uma criança “normal”. A higiene mental não foi um movimento intelectual isolado, ela esteve atrelada ao contexto social, político, econômico do liberalismo, positivismo, da racionalidade científica, e principalmente ao avanço do capitalismo industrial no início do século XX.

Uma educação higienista seria de grande relevância na gestão de Anísio Teixeira, escolanovista propagador das ideias de Dewey no Brasil, pois estaria engajada de critério psicológico e científico, de observação, experimentação e controle do comportamento, pois mesmo fora do olhar do fiscalizador, conforme Vidal (2008), o indivíduo agiria de acordo com os interesses da classe dominante, pois foram inculcadas ideias, internalizadas, naturalizadas, ou seja, seriam formados hábitos de conduta, de pensar, agir e sentir, seriam criadas subjetividades autogovernáveis (de si e do outro), conforme a perspectiva Foucault (1992). Desse modo, o saber médico sobrepuja o saber pedagógico, buscando a formação de uma cultura comum, nacional e de formação de sujeitos que governam a si e ao outro, de forma sutil e naturalizada, normalizada e eficiente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deixemos claro que aqui são apontamentos sem buscar finalizar a discussão, mas propiciar contribuições e mais reflexões sobre o higienismo e a educação. O propósito não foi dizer qual o melhor modelo de educação, mas que no campo das ideias a análise de

teorias contribuem para pensar as limitações e contribuições de intelectuais de uma época que nos possibilitem refletir sobre o presente prejudicado e a pensar sobre nós mesmos e a sociedade, em prol de transformações sociais.

Entendemos que o pensamento de Arthur Ramos expressado na obra *Saúde do Espírito* (1958) estava imbricado das ideias higienistas por envolver uma proposta de formação de hábitos de ser, agir, sentir entrelaçados aos anseios de formação de uma sociedade ideal, elegendo uma cultura como a melhor, ocultando outras, destinando-se a condução da criança da classe popular. Com isso, pudemos perceber o quão grande foi a preocupação em controlar a classe tida como “perigosa”, e o grande investimento na higienização da mente, demonstrado na articulação do saber médico com a gestão educacional e nacional.

Assim, ao mesmo tempo em que o psiquiatra alagoano colaborou com o processo de escolarização e investia no potencial da infância, havia também uma carga de preconceitos que foram migrados para o campo da mente. A ideia de higienizar a mente é uma atitude profundamente racista, pois sai do campo do determinismo biológico ou genético, indo destes para o racismo cultural, assim impondo um modelo de “cultura” tida como superior, isto é, a “cultura comum” defendida por Teixeira nos moldes do pragmatismo de Dewey.

Nesse sentido, entende-se que o problema social se resolve somente com a higienização da mente em que aspectos econômicos, políticos, filosóficos e sociais não são evidenciados como elementos essenciais que envolvem os problemas sociais. Assim desconsidera tais aspectos como elementos necessários para compreender os fenômenos, bem como não há uma preocupação com políticas sociais. Sendo essa realidade desde o período colonial perpassando toda a história brasileira até à atualidade em que o alto investimento econômico através da aliança do Estado com as oligarquias rurais, deixando em total abandono as políticas sociais, visto em índices altos de analfabetismo, criminalidade, violência dos mais diversos aspectos contra a população. Assim, predominava e/ou predomina a busca pelo controle social dessa classe popular representando uma ameaça à elite com sua cultura e suas rebeliões.

Desse modo, tornaria necessário investir numa educação que possibilitasse o acesso ao trabalho, mas que não formasse indivíduos críticos, nesse sentido, o investimento no ensino primário, por isso, a educação apresentada por Ramos (1958) é destinada à classe popular. Com isso, a infância de outrora abandonada, tornou-se o centro dos olhares das classes dirigentes para o controle do futuro adulto, do trabalhador, do cidadão são.

Vale ressaltar que além dessa proposta de “salvação da nação” pelos higienistas sendo algo de cunho fascista, o pensamento de Arthur Ramos abordada na obra Saúde do Espírito (1958) trouxe algumas contribuições positivas a se pensar sobre educação. Uma delas é a questão da rotulação da criança como “anormal” em que o alagoano apresenta a importância de investigar as causas do comportamento antes de patologizar a criança. É interessante que essa questão é tão atual, pois ultimamente se fala muito em TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), o qual muitos professores se sentem despreparados para lidar com comportamentos tidos como inadequados, e não buscam investigar as causas desses fenômenos. Nesse contexto, ocorre a intervenção médica, e assim, logo são diagnosticados promovendo a emergência da medicalização na infância. É o fato da intervenção médica sobre questões não patológicas, pois o comportamento, conforme Ramos (1958), é mais uma questão social do que orgânica.

Desse modo, mais uma vez o saber médico se mostra presente na escola e a falta de preparo dos professores a tratar a criança escolar. Desse modo, a situação não é nova e as soluções também não. Por isso, a importância da análise crítica tendo em vista a historicização como metodologia necessária para dar sentido e revelar o passado, bem como mostrar como se chegou a esse presente prejudicado, sendo isso necessário para construir um novo futuro. Desse modo, compreender o passado como um constituinte para a nossa identidade tanto individual quanto coletiva, bem como revelar os meios de reprodução geradores das mais perversas exclusões sociais, torna-se imprescindível conhecer para modificar, a fim de lutar por uma transformação social.

Contudo, o porquê da necessidade de medicalizar sem refletir sobre a realidade, sobre o contexto sociohistórico e cultural do indivíduo? Será que há uma tentativa de impedir o acesso e pensamento sobre a realidade? Além disso, quando deixamos de considerar culturas, identidades, saberes, e elegemos ou caímos na armadilha de não fazer política em sala de aula, será que não promovemos o higienismo? Afinal o higienismo, nada mais seria que impedir um ato profundamente político da classe tida como “perigosa” ao excluir e reduzir os saberes, silenciar identidades, e formar subjetividades pela lógica mercantilista?

Podemos observar que ainda hoje são vendidos “manuais”, ou a buscar por receitas prontas sem considerar o contexto sociohistórico, condições reais de vida dos educandos, tanto demonstradas em práticas docentes como em discursos. O higienismo traz marcas de uma época que se mostra enraizado ainda hoje em discursos e práticas no meio educacional e social fortemente entrelaçado em relações de poder em que a classe popular sofre as mais perversas injustiças. Cabe a nós, enquanto, educadores políticos, revelar os discursos ideológicos para conhecer o opressor social, descobrindo suas armas e

fragilidades, e propor e utilizar estratégias de enfrentamento para uma possível transformação social a começar por cada um de nós, juntos, em prol do bem comum.

REFERÊNCIAS

BLOCH, M. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAPONI, Sandra. **Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012.

DOMINGUES, V. R. B. **A medicalização da raça: Médicos, educadores e discurso eugênico**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. Tradução Fátima Murad. São Paulo: USP, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992.

GALLO, Silvio. Infância e poder: algumas interrogações à escola. In: **Devir criança da Filosofia**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2009.

GARCIA, Ronaldo Aurélio Gimenes. **A educação na trajetória intelectual de Arthur Ramos: higiene mental e criança problema (Rio de Janeiro 1934-1949)**. São Paulo: 2010.

GONDRA, José Gonçalves. **Artes de Civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial**. Londrina: ANPUH: XXIII Simpósio de História, 2005.

MENEZES, Maria Odete. **A psicanálise na Bahia (1926-1937): os estudos de Arthur Ramos sobre a loucura, educação infantil e cultura**. Salvador: 2002.

RAMOS, A. **A Criança Problema: a higiene mental na Escola primária**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1939.

_____. **Saúde do espírito**. 7. ed. Rio de Janeiro: edições do SNES, 1958.

VIDAL, D.G. (Org.). **Educação e reforma: o Rio de Janeiro nos anos 1920-1930**. Belo Horizonte, MG: Argumentum: São Paulo: CNPQ: USP, Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação, 2008.

VEIGA, C. G. **História da educação**. São Paulo: Ática, 2007.